

Noticias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração

RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

Chefe da Redacção e Editor — João Perelra da Silva Correla

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão

TIPOGRAFIA MARINHO

Telefone 123 — BARCELOS

A Bem de Barcelos

Conselheiro Fernando de Sousa

A MORTE DE UM LUTADOR

No meu ultimo artigo julgo que mostrei—ainda que pela rama, como é de uso dizer-se—não haver falta em Barcelos de material arqueologico digno do merecimento de ser patenteado ao publico num museu.

Barcelos, nesta secção—arqueologica—não tem falta de material, e, assim, possui a primeira condição para a fundação de um Museu Arqueologico.

¿E no campo da etnografia?

Com o sentido actual, esta ciencia—etnografia—é nova.

Não vem para o caso, nem este é o meu intuito, descrever o sentido tão diferente que este termo tem tido pelos anos fora.

Hoje, esta ciencia complexa, e que tantos cultores eruditos tem pelo mundo fora, com associações e revistas para o seu completo estudo e divulgação, é o conjunto de duas outras ciencias: *ergologia* e *folclore*.

Por *ergologia*—entendem-se os estudos da manifestações materiais da vida de um povo.

Por *folclore*—as suas manifestações espirituais.

Assim se estudam as manifestações espirituais—lendas, costumes, poesia, etc., etc.—cultiva-se o folclore.

Para se fazer ergologia devemos apreender—espiritualmente, claro está—as manifestações materiais—da casa, alimentação, industrias, transportes, etc., etc.

Concretizemos mais: *etnografia* é a ciencia que estuda as manifestações espirituais—folclore—e materiais—ergologia—da vida dum povo.

Se analisarmos bem estas definições, vemos que essas manifestações—quer espirituais, quer materiais—não são mais que a tradição desse mesmo povo.

Creio escusado documentar estas minhas afirmações com alheias opiniões, pois ninguem ignora que não tenho a veleidade de ser original.

Transmito a verdade cientifica, patente em qualquer trabalho da especialidade.

Mesmo os meus artigos não são, ou não pretendem ser, retalhos de erudição, mas sim—esse é o meu desejo—trabalho de vulgarisação.

Continuemos:

O falecido Doutor Leite de Vasconcelos apresenta, num dos seus magistrais trabalhos, uma síntese que concretisa em absoluto todas as definições.

Assim diz: «... a etnografia aplicada ao passado será arqueologia.»

Julgo que, nesta altura, a ninguém restam duvidas sobre o que é tal ciencia.

Ora desde que vemos que etnografia é «ciencia de tradição»—como em síntese literaria alguém lhe chamou—não será justo que nos sintamos orgulhosos de a respeitar e estudar?

Mal vai áqueles que não sentem, não tem, não conservam e respeitam a sua tradição!

O evoluir dos tempos tudo veio modificando, transformando, até completa perda.

As razões são multiplas—por vir a proposito não quero passar adeante sem enumerar o curiosissimo trabalho «Art Populaire et Loisirs» resultante de um inquerito feito em França em que o problema é primorosamente focado—e irremediaveis.

Para arquivar, para salvar, é que a nossa terra deve fundar o seu nucleo.

Mas... terá Barcelos material para formar um museu Etnográfico?

Olhemos para a feira:

¿O que é esse magnifico espectáculo se não um museu vivo de usos e costumes?

Ali—pena tenho de não dizer aí—temos quasi de tudo, e digo quasi pois não podemos esquecer a influencia do tempo, reflectido em tantas manifestações—o traje, por exemplo, já se não vê, e está definitivamente estudado.

As rocas, fusos, e espadélas de pobre ornamentação, mas tão barcelense, os carros de tabuletas, jugos e chavelhas ornamentadas, as olarias representadas nesse sem fins de formas e de côres e de geitos, os cestos inconfundiveis, as candeias e tantas coisas mais com a sua nomenclatura propria, chefa de sabôr.

¿E os lenços de namorados, lenços de mão, que já ninguem vê; esses rectangulos de alvo pano, bordados a ponto de cruz, com versos a toda a

E' preciso ser-se grande, muito grande; elevar alto, muito alto, um nome; espalhar ao largo, muito ao largo, um esplendor, para que, ao ruir, ao desmorronar-se, o eco vá longe, muito longe, a custar extinguir-se.

Fernando de Sousa atingiu, no meio onde espalhou o seu talento, uma tal grandiosidade, elevou tão alto o nome de jornalista, esplendorou tão longe o brilho do seu talento, que, hoje, nesta hora de justiça, a sua morte abalou a coluna gigantesca onde assentava a figura inconfundível que se destacara neste meio onde vão rareando os Homens, como ele foi.

Engenheiro de profundos conhecimentos, ele, ainda agora, discutia os mais complexos problemas, mostrando que não paravam os seus estudos, acompanhando a evolução rigorosa das suas tecnicas.

Político de uma só Fé, orbitando sempre na trajetoria que o seu critério marcara, ele não se desviou um só grau, continuando infemeratamente a propagandar a doutrina que impregnara o seu sentir, o seu raciocínio calmo, reflectido, ideias que exteriorisava por forma tal que convencia o mais hesitante.

Católico praticante no mais rigoroso termo, pautando a sua vida pela Lei de Deus, ele foi um exemplo vivo de quanto a Fé avigora o mais fraco, encorajando-o na luta que chega a entibiar o mais ousado.

Dentro e fora de Portugal, o nome de Fernando de Sousa etiquetara um caracter sem mancha, um talento sem contestação, um coração sem resquícios de maldade, uma Alma que só anciara o Bem, para si e para os outros.

Morreu com 87 anos, uma vida longa, mesmo muito longa, que ele não poupou, entregando-se a um trabalho exaustivo, mas que alimentava aquele espirito sempre brilhante, e que nunca conheceu o cansaço, a fadiga, o desanimo.

Mesmo nas horas de desalento, horas de tortura para o espirito mais forte, ele soube ser grande e ao mesmo tempo humilde.

A sua dedicação pelos que lhe mereciam tal affecto, era bem marcante, sendo uma das facetas mais extraordinárias do seu espirito; e sobretudo se dela podia resultar qualquer utilidade.

Com os olhos postos no lema que desejava servir—Deus, Pátria, Família,—ele caminhou 87 anos, chegando ao fim a poder dizer: Meu Deus, morro,

volta, com as chaves que abrem o coração, com as pombas que

«Levam no bico»

«Nossos corações unidos?»

¿Quem se não sente vibrar ao descansar os olhos em tanta beleza? E ao vê-los, ao sentir entre os nossos dedos esse tecido; quem os não compreende, quem, que sendo português, os não sinta?

Conheço trez colecções—sendo uma delas magnifica—não julguem que é a minha que, por certo, com muitas mais, irão enriquecer o nosso futuro museu.

Estou a sentir «mau olhado» por esta minha afirmação, que mais não é que um desejo.

Os detentores dessas colecções—não lhes revelo o nome—que me perdoem.

Com mais vastidão e côr, com mais encanto visual, Barcelos pode orgulhar-se de que tem material de sobra para formar a sua secção etnografica.

Depois de uma luta de gigante, constante, destemida, heroica, batendo-se com denodo e galhardia em defesa de Deus, Pátria e Rei, o lutador tombou, alfin.

Apesar do peso dos anos, que era muito, conservou até á ultima a mesma coragem moral, o mesmo desassombro de sempre e uma frescura, uma vivacidade de espirito que a todos admirava.

A sua pena não descansou um momento e sempre correu no papel com nobresa, com elegancia e com extraordinário brilho.

Mas, se o jornalista era grande, admiravel, maior era ainda o homem de character—do maior aprumo moral—o homem de coração—das mais distintas acções—o chefe de familia—do mais extremo affecto—o católico—da mais enraizada crença.

E estas qualidades mais enobreciam, mais impunham á consideração e ao respeito essa extraordinária figura de portuguez e de jornalista que era o Conselheiro Fernando José de Sousa.

A imprensa portuguesa está de pesado luto porque morreu um dos seus maiores valores, honra e lustre da classe.

O mais humilde, o mais obscuro dos seus colaboradores em «A Voz», vem aqui desfolhar as pétalas da sua saudade em memória de quem com tanto ardor e tanto brilho soube defender nobres ideias.

João Cruz

mas tenho a consciencia tranquila porque Vos servi, porque amei a minha Pátria, porque adorei a minha Família.

A sua lacuna não é facil de preencher, tão grande clareira abriu no solo onde trabalhava o seu espirito, fertilizando o terreno a que lançava a boa semente, fructificando exuberantemente.

Está de luto o jornalismo Portuguez, morreu o Mestre.

Os seus escritos eram lições onde os outros deviam aprender, compendio para ler antes de tomar a pena a modelar o pensamento.

Não desconhecia qualquer prisma porque se facetasse um caso, não ignorava a solução dos mais intrincados problemas.

«Noticias de Barcelos», onde o Sr. Conselheiro Fernando de Sousa tinha um dos mais dedicados admiradores, veste-se de luto e toma parte na dor profunda que tortura o grande jornal que é a «Voz».

Matos Graça

Martinho

RESINAGEM

Vimos bradar alerta pelo campo dos que teem pinheirais a resinar.

O que se está a passar merece a reprobção dos donos de pinheirais, sempre esperançosos na compensadora remuneração das arvores que resolvem deixar resinarem.

As incisões, quando mal feitas, são a morte dos pinheiros, e os resinheiros, na ansia de obterem maior porção de gema, não teem alma ao ferir a arvore.

Mas se observarem rigorosamente as instruções, se teem todo o cuidado e consciante critério, a arvore não sofre, e o proprietário colhe um rendimento apreciavel, sem o menor dispêndio.

E a economia nacional sente-se aumentada em muitos milhares de contos, tão grande é o volume monetário que atinge a exportação de resinosos.

Os preços por cada bica ou, antes, incisão, chegou este ano a três escudos, e prometia ir mais além, o que não era para extranhar, visto que noutras regiões já está a 6 escudos e mais.

Mas os resinheiros que se dedicam a este ramo de exploração no nosso concelho, combinaram-se uns com os outros, a querer fazer baixar o preço para dois escudos.

Não pode ser. Quem conhece o negócio da resinagem sabe os lucros fantasticos que douram tais empresas; são cifras incalculaveis.

E' justo, mesmo muito justo, que uma grande parte caiba aos proprietários dos pinhais.

O Grémio da Lavoura de Barcelos, aonde teem ido recorrer afflitivamente os agremiados, resolveu telegrafar, para já, ao Senhor Ministro da Economia, pedindo enérgicas providencias; e fazer, como já fez, uma larga exposição, do que se passa, pedindo que se estabeleça um preço fixo—cinco escudos, por cada incisão.

Estamos certos que não devem demorar decisões de quem deve por termos a tão desaforados conluios, obrigando os resinheiros a subirem ao preço das bicas; e por isso aconselhamos prudencia aos proprietários, tendo toda a cautela ao fazerem os seus contratos.

A Direcção do Grémio está a estudar a forma de se fazer a resinagem por conta própria; isto é, ser o proprietário que faz a extração da resina, vendendo-a depois, por intermédio do Grémio, ás Fábricas especializadas.

Para isso mandaria vir dois ou mais técnicos habilitados, os quais iriam, por conta do dono do pinhal, fazer as incisões e habilitar novos operários para, no futuro, serem muitos outros a dedicarem-se a esse mister.

Ao fim de poucos anos teremos os proprietários de pinhais, em condições de colherem o maior rendimento da resinagem dos mesmos.

As empresas tem, assim, muito mais a lucrar, sem as percentagens pelos variadissimos intermediários.

Farmácias de serviço

No próximo domingo estão de serviço permanente as farmácias Carlos Ramos na Rua Barjona de Freitas e Faria em Barcelinhos.

Farmacia J. Alves de Faria
BARCELINHOS
 Especialidades farmaceuticas,
 Produtos quimicos, Artigos de borracha e Perfumarias
 Aviamento escrupuloso de receitairo
SERVICO PERMANENTE
TELEPHONE, 45

MEIAS TINTAS

Na hora que passa não são de admitir meias tintas. Há que desconfiar de uns sujeitos generosos que, por bem da colectividade, consentem em tomar uma atitude de colaboração sem, no entanto, abjurar dos mitos contra os quais se levantou a Revolução Nacional.

Há também, uns cavalheiros circunspectos que acatam a situação porque SÃO PESSOAS DE ORDEM. Claro é, porém, que o seu acatamento é condicionado ao acabamento dos grêmios,

Meio a sério

A criação de coelhos tem os seus quês. Dediquei-me a ela como um desporto, sob certa base científica, em sistema celular.

Triunfei, apenas, numa cousa: em obter animais saudios, de pelo sedoso, brilhante e com carne deliciosa.

Há aproximadamente cincoenta anos li, do Batalha Reis, que das qualidades de uvas tradicionais do Minho, se obtinha vinho diferente em corpo, aroma e alcool.

Pois pela sanidade rigorosa das habitações e por uma alimentação muito variada e apropriada, se obtêm exemplares excellentes para o prazer da mesa. Até o pormenor de matar o animal tem importancia no sabor da carne!

Porém aqueles que tiverem de comprar toda a alimentação, ao fim e ao cabo, ficam perdendo!

A couve é aquilo de que os coelhos mais gostam, mas não é o que melhor lhes faz. São uns bichinhos muito gulosos. Experimenta, tu, leitor, dar-lhes ladrões de videira, dali a instantes, folhas de pessegueiro, a seguir rebentos de pereira, etc., e verás como eles logo mudam de preferência!

Ter coelhos em pequena dose, havendo nos quintais das nossas casas aquilo que não presta para outro mais proveitoso destino de alimentação, é de aconselhar.

Mas se se tiver de recorrer do mercado onde, em regra, só ha couves, o cortejo de inconvenientes é grande.

No proximo numero eu direi como alguém tirou partido da criação de coelhos em grande escala, que fez com que arrumasse os livros que tanto entusiasmo me despertaram.

A. Soucasaux

SOCIEDADE

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—os srs. João Duarte Veloso e José de Araújo Coutinho.

Amanhã—o sr. Cónego-Prior Joaquim Alexandre Gaiolas.

Sábado—a menina Lídia Pacheco Fernandes Rodrigues.

Segunda-feira—a sr.ª D. Lucia Duarte Azevedo Miranda e os srs. Eduardo Henrique dos Santos Vale e Manuel Júlio de Lima Torres.

Terça-feira—as sr.ªs D. Júlia Novais e D. Maria Domingas Beleza de Almeida Ferraz Moreira.

Quarta-feira—as sr.ªs D. Maria Augusta Cardoso Ferreira e D. Maria Estela Maciel Vieira de Castro.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

ou ao preço da batata, ou a orientação da politica externa—sobre a qual teem em geral opiniões solidamente formadas—ou a qualquer assuntozinho particular que desejam ver resolvido.

Esse acatamento não serve e há que impôr-lhes NA MELHOR ORDEM POSSIVEL, ou o acatamento inteiro ou a opposição clara... com as suas consequências.

(Do Boletim da Legião Portuguesa n.º 54—Fevereiro de 1942—Pág. 11).

Notas de Lisboa

9 DE MARÇO

Em 10 do mês de Fevereiro de 1941, um despacho do Ministro das Colónias fixou o dia 18 de Julho do ano corrente, para a passagem da administração do território de Manica e Sofala, da Companhia de Moçambique para o Estado. Em 28 de Fevereiro findo, veio publicado nos jornais um decreto-lei do mesmo Ministério, o qual decreto-lei regula a dita passagem.

Como se sabe, aquêlê território era administrado pela Companhia de Moçambique, desde 18 de Julho de 1892 ou seja vai para cinquenta anos, com poderes privilegiados, concedidos pela Monarquia, por intermédio do seu então Comissário Régio, o conselheiro António Ennes.

Na vida do nosso Império, tem o facto alta significação, por isso que obedece ao pensamento de unidade imperial, unidade que abrange a metrópole e as colónias, pois, conforme disse uma vez Salazar, somos nma unidade jurídica e politica, e tal qual como o Minho ou a Beira, assim é que, sob a autoridade unica do Estado, dirigimos Angola ou Moçambique, ou a India.

Não se dando já as circunstancias em que aquêla Companhia se concederam poderes majestáticos de administração pública, e sendo o Estado Novo um Estado de politica imperial, foi a razão desta politica de unidade que levou o nosso Governo a chamar ao Estado, com todo o seu direito de soberania, a administração directa do aludido território.

Não confundamos com a unidade económica a unidade jurídica e politica; pois, se esta é por sem dúvida uma só, com um só estado, uma só Revolução Nacional, um só Governo, e assim também a unidade económica, todavia reparemos nestas palavras de Salazar: —desejamos caminhar para uma unidade económica, tanto quanto possível; mas os regimes economicos das colónias têm de ser estabelecidos em harmonia com as necessidades do seu desenvolvimento, com a justa reciprocidade entre ellas e os países vizinhos, e com os direitos e as legítimas conveniências da metrópole e do Império Colonial Português. Quere isto dizer, ainda por palavras de Salazar; que entre nós constituimos a variedade da unidade, campo de trabalho comum, nas condições definidas pelas conveniências de todos. Com este realismo de applicação é que devemos entender o que se chama a nossa unidade económica de todo o Império, em si, e com a metrópole.

Mas, para com os demais povos, e em nossa consciência de portugueses, com um só Estado, uma só Revolução, e um só Governo, somos, na frase de Salazar, simplesmente a unidade, um só e o mesmo em toda a parte.

A. da F.

BARCELENSES

Tornou-se urgente procurar resolver o problema da mendicidade nesta cidade. Para tal fim se formou uma Comissão de Assistência que dentro de breves dias iniciará os seus trabalhos.

Pretende essa Comissão que todos os Barcelenses contribuam mensalmente com uma quota de harmonia com as suas possibilidades, ou até um pouco de sacrificio que a hora presente reclama, o que representa reais vantagens para quem recebe e para quem dá.

Dos resultados colhidos pela Comissão, depende a resolução deste magno problema, e a terminação do triste espectáculo que a cidade oferece, com a mendicidade nas ruas.

Barcelos, 10 de Março de 1942

A COMISSÃO

- Alexandre de Sá Carneiro—Dr.
- Francisco José Monteiro Torres
- Manuel Augusto de Araújo Passos
- José de Bessa e Menezes
- Constantino de Almeida Júnior
- Humberto Carmona Coelho Gonçalves
- Mário Augusto Viana Queiroz—Dr.
- Manuel Fortes de Ascenção Correia -Dr.
- Cónego Joaquim Alexandre Gaiolas
- José Gomes de Matos Grãça—Dr.
- Francisco Rodrigues Torres—Dr.
- João de Sousa
- João Carlos Coelho da Cruz
- João Duarte Veloso
- Manuel Augusto Vieira
- Rogério Cândido Calás de Carvalho
- João Pereira da Silva Correia

ANIVERSARIO

Comemora, amanhã, festivamente, mais um aniversario—o 62.º—a Associação de Socorros Mutuos Barcelinense.

Instituição simpatica, que o Comendador José Marques Freitas, Fernando de Figueiredo, Augusto Vieira e outros barcelenses, num desejo ardente de prestar assistencia ás classes trabalhadoras, souberam criar e encaminhar-nos primeiros e vacilantes passos da vida e que outros, depois, amorosamente tem procurado fazer prosperar e engrandecer, lutando por vezes com dificuldades sem conta que têm surgido e que a passada e a actual guerra mais avolumaram.

Outros factores tem, também, concorrido para que a seu avanço progressivo não tenha sido o que era para desejar: o desinteresse de muitos, que é manifesto, e a incompreensão de não poucos pelos fins a que visa a Associação.

Se todos se convencessem da sua utilidade e dedicadamente a ajudassem, outra seria a sua situação e maiores e melhores teriam sido os frutos produzidos.

A actual direcção, que no exercicio do seu mandato tem afirmado zelo, quer festejar este ano, com certo lusimemento, o aniversario que passa, não só como regosijo pela idade que a Associação já conta, mas também para a tornar conhecida de todos aqueles que, no seu proprio interesse, nela devem ingressar, concorrendo assim ao mesmo tempo para o grau de prosperidade a que é preciso que a velha Associação chegue.

Do programma das manifestações a realizar faz parte uma missa por alma dos socios falecidos, que será resada ás 10 horas na igreja parochial de Barcelinhos, e uma sessão solene na qual usarão da palavra distintos oradores.

DR. JOAQUIM REIS
 Doenças da boca e dentes
 Clínica geral
 (Antigo consultório do Snr. Dr. Fernando Moreira)

Crónica da Invieta

OS SUICIDAS...

Há tempos, os jornais brasileiros deram a dramática noticia, que os de cá transcreveram, de se terem suicidado, de mutuo acôrdo, um afamado romancista e sua esposa, cujos nomes occulto, por compaixão, para não abrir o *apetite* a outros desvairados e vencidos da vida.

O suicidio é uma covardia moral e social. Quem pratica o suicidio, seja qual fór o pretexto invocado, pratica uma deserção criminosa, semelhante á daquele soldado que, por medo e covardia abandona o seu posto de vigilancia, do qual pode depender a salvação e a vitória da sua Pátria!

Mas, como não há dois sem três, aqui lhes apresento outro... vencido, que abandonou a luta pela vida:

«LONDRES, 7. — Os circulos tcheco-eslovacos de Londres foram informados de que o famoso violinista tcheco Vasa Prihoda, de renome internacional, se suicidou em Praga. Vasa tinha entre 30 a 40 anos.»

O que vale é que, esta peste contagiosa só ataca os ricos e os intelectuais.

Quanto aos pobres, ás classes trabalhadoras, esperam, resignados, pela hora fatal do mensageiro da Morte...

Quando todos falam da guerra cruel e desumana, porque não havemos nós, leitor, falar da paz... da consciencia?

Num discurso, pronunciado, há dias, pelo chefe Supremo do *fascismo*, este disse em tom de censura aos católicos italianos, que vão para as Igrejas a implorar da Santa Madona, a paz de Cristo no reino de Cristo:

«Não é licito aos italianos pedirem a paz sem que, primeiramente, tenhamos ganhado a guerra. A vitória, pois, é que deve estar no pensamento e na boca do povo italiano.»

A paz... a vitória... são duas imagens simbólicas. Quanto mais os beligerantes procuram conquistar estes mitos, mais elas fogem da guerra...

Naqueles recuados tempos, em que os cristãos eram lançados ás feras, os romanos, sedentos do sangue, das victimas, pediam aos *Pretores* pão e circo; os espanhóis, seguindo-lhe na esteira destes sádicos prazeres, pediam e pedem ainda, aos *Alcaides*, pão e touros.

Os portugueses, porém, para não ficarem atraz nestas olimpíadas de ponta-pés e sóco, com insultos á mistura, pedem ao Governo pão e bolas.

Aos domingos, as gentes do Porto, abandonam as casas, para tomarem de assalto os campos do futebol! É uma loucura colectiva que nem o dramático estado de guerra, melhor dito, a falta de géneros alimentícios, a vi são da fome, lhe faz entrar o juizo na cabeça...

O sr. Dr. Pacheco de Amorim, que é reputado mestre em economia e sociologia, dá destes conselhos aos nossos agricultores em a «*Voz da Fatima*».

«... É claro que só Deus sabe quando a guerra acabará. Até pode acabar dum instante para o outro e oxalá que acabasse já hoje; mas tudo faz supor que temos ainda guerra para muito tempo. Ora, quanto mais tempo a guerra durar, mais navios vão para o fundo, mais se esgotará o continente europeu e por isso mesmo menos coisas poderemos mandar vir de fora. Podemos chegar ao extremo de termos de contar só com a produção nacional, tanto para comer, como para vestir e calçar.»

E termino por este aviso: «Antes desta guerra, comprava-se o metro de pano de linho a 20 escudos. Sabe o prezado leitor quanto custa ho-

Magnolia em flor

Num largo, bem pequeno, da nossa Terra avulta uma arvore gigantesca, que mereceu dos meus olhos uma caricia demorada.

É que ella, velhinha de muitos anos, tronco ainda robustecido, ramaria a levantar os braços numa alegria ainda de muita vida, marca no ambiente uma nota que me impressionou e fez com que estacasse a fital-a, enlevando-me na brancura assetinada com que ella se apresenta, nesta quadra do tempo.

As flores, alvura de marfim, petalas largas e longas, formam um ninho de tal brancura que parece ter o luar ficado preso no seu encanto, dando-lhe a ternura, o enlevo, aquilo a que nós chamamos o sentimento do belo.

A graciosidade na sua disposição, colossal arminho a rematar o tronco alto, desempenado, viril, da-lhe foros de exemplar raro, despertando o carinho do olhar de quem a vê com o coração.

Ha dias passei junto dela e não pude dominar a fascinação que senti, e quedei-me nesse instante, acariciando-a na limpidez dos meus olhos, querendo sorver o perfume discreto que ella espalha em redor.

Ano a ano ella renova a sua floração, avanço certo de uma quadra a que ella obedece, exuberante de efluvio que a dinamisa, dia e noite.

Este ano, não; a chuva mancha a alvura das suas carnudas flores, o sombrio da tonalidade que a envolve não lhe restitue a beleza dos dias em que ella se ostenta cheia de garridice, ao Sol que a aquece e lhe dá realce, ou ao luar das noites em que ella rivalisa na brancura.

E o vento, soffrego de mais na forma de as beijar, desfolha-as sacrilegamente, e desagregam, pétala a pétala, fazendo rastejar no nada o que tão alto se elevara na beleza.

Quantos anos terá?
Não sabemos.

Devem ser muitos, tantos que não ha, com certeza, coração algum do tempo em que ella, pequenina, já sentia o carinho das mãos que lhe davam a vida; nem olhos que se cançaram de a namorar, vendo-a ano a ano crescer, fazendo-se cada vez mais graciosas, sempre a cobrir-se de brancura quando a Primavera se fazia anunciar por ella, gritando cada vez mais alto que os dias vinham a ser cada vez mais prometedores de beleza; que as noites iriam num crescendo de sonhador encanto; que as flores surgiriam ás braçadas pelos campos descuidados ou pelos jardins feitos com amor; que o Sol viria alegrar tudo que sob elle vive, instante a instante, alagando de luz e calor o que elle modela e dá forma, vendo germinar, crescer, desenvolver o que parecia adormecido.

No meu intimo ha um verdadeiro culto pela arvore, vejo nas arvores vidas que precisam de amparo, a começar nos primeiros passos, e que só mais tarde, já sem hesitações no porte, ellas se abandonam á plenitude da vida e seguem, ano a ano, a destacar o seu ser, a sua personalidade, aquilo que as faz distinguir.

A não ser uma que tem raizes no meu coração, as outras vejo-as como quem olha para uma multidão innominada, impressionando-me por um ou outro pequenino nada.

Mas esta, a magestosa magnolia em flôr, sem uma unica folha a alterar a uniformidade de côr, desperta-me, sempre que a vejo, uma tal onda de carinho que fico extasiada a namoral-a, apeteendo-me levar-a na mão, qual grandioso ramallete de noiva, e collocar a em sitio onde meus olhos a fitassem sempre, voluptia de côr, querendo roubar-a para que outros olhos, que não os meus, não a possam conepurar, tocando as suas pétalas brancas, setineas, carnudas, exuberantes de vida e de côr.

Magnolia em flor, tu virás ano a ano, de primavera em primavera, dizer a todas que te veem, que não envelheces, que as flores terão sempre o mesmo viço, que a alvura do teu traje será sempre no mesmo rigor e no mesmo tom; e que só a maldade poderá um dia fazer ruir aquella beleza rara, inconfundivel.

Que eu, Mulher que te divinisa, nesse instante esteja tão longe de ti que não sinta os gemidos do teu corpo, os lamentos da tua alma em sofrimento, as lagrimas que verterão os calices das tuas flores sempre belas, sempre brancas, sempre noivas no veu com que te adornam.

Maria

je? Já se não compra com 200 mil réis!...

Contou o jornal «*A Ordem*», que faleceu em Portalegre um honrado negociante, filho do povo, que legou ás instituições de caridade e aos pobres seus protegidos em vida, a bonita somma de 1.200 contos — toda a sua fortuna — amealhada pelo labor de muitos anos!

Oxalá que este caridoso e simpático gesto seja imitado por tantos milionarios egoistas, para que sobre eles desçam as bençãos de Deus e dos pobresinhos.

Outro gesto não menos simpático e consolador é este que nos conta o correspondente de Castelo Branco para o «*Jornal de Noticias*»:

«... O Colégio de Santa Maria é sustentado por aquella benemerita senhora, e todos os dias ali são alimentadas e educadas 127 crianças pobres do sexo feminino, que á noite vão para casa das respectivas famílias, pelo que já ali se não encontravam na

ocasião do incendio.»

E agora, para fechar, mais esta pequena noticia do mesmo jornal:

«Angustiosa situação»

A senhora a favor da qual lançamos agora este apêlo — grito de alma que decerto encontrará repercussão meritória no espirito dos nossos compassivos leitores — já viveu bem e muito bem fez a quem, então necessitava do seu auxilio, sempre norteada pela mais humana compreensão da dôr alheia.»

Eis aqui o duplo retrato moral da Dama Velada: de quando dava aos pobres e agora pede aos ricos.

Amador

DROGARIA
PIMENTA DO VALE & C.ª L.ª DA
34, R. INFANTE D. HENRIQUE, 36 — BARCELOS
(Taboleta amarel.)
Tintas, Vernizes, Alvaiades, Oleos
Ceras e todos os artigos de pintura
AOS MELHORES PREÇOS
TELEFONE 100

O problema do milho e do pão

NOTA OFICIOSA

O Governo Civil de Braga publicou a seguinte Nota Officiosa:

«O problema do abastecimento do pão de milho, já se apresenta com caracter um tanto critico nas regiões onde elle constitue a base da alimentação da maioria dos seus habitantes. Contudo, a falta de milho deve ser mais aparente do que real, pois sabido como é que elle não passou a fronteira em quantidade que justifique o seu desaparecimento nos centros de consumo, temos de admitir que os seus detentores, falsearam as declarações quer acerca das existências, quer das necessidades desse cereal.

Por motivos obvios o nosso Distrito não pode contar com qualquer quantidade de milho de fora e, por isso, de harmonia com as instruções superiormente recebidas, há que estabelecer imediatamente uma equitativa regra de consumo, acudindo-se assim ás regiões onde a sua falta se faz sentir de forma a causar preocupações. Não é admissivel, por principio algum, que tantos concelhos com «superavit» se não submetam ás regras do racionamento, a todos applicavel. Neste sentido se apella para as autoridades, produtores e consumidores para todos, em ordem á compreensão das responsabilidades da hora presente neste magno problema, a fim de se obter uma equitativa solução, auxiliando assim o Governo, que faz ingentes esforços para atenuar as duras consequencias da crise que entre nós tão fortemente se repercute.

HOSPITAL DA MISERICORDIA

Sala de Operações

O nosso Hospital, um dos melhores de provincia, acaba de ser dotado com bastante material cirurgico para a sua sala de operações que lhe foi oferecido pelo Ex.º Sr. Conselheiro Doutor Joaquim Gualberto de Sá Carneiro, no valor de mais de uma dezena de contos. Esse material fornecido por diversas casas da especialidade compõe-se das seguintes peças:

- 8 Tesouras curvas e rectas
 - 19 Pinças de Faure, de Rocher, de Lane e de Pean
 - 3 Pinças para fixar compressas e tirar agrafes
 - 3 Bisturis
 - 1 Mesa com 2 taboleiros
 - 1 Mesa com 2 taboleiros e mármore
 - 2 jogos de cuvetes de esmalte para mesa de anestesia
 - 6 Pinças doyen
 - 3 Pinças Fortes
 - 2 Pinças Longas.
 - 8 Pinças para campo
 - 3 Pinças Chaput
 - 4 Pinças dentes de rato
 - 1 Pinça dentes de rato longa
 - 12 Pinças de Pozzi, de Museux e de Kocher
 - 2 Pinças de Kocher curvas
 - 2 Pinças em T
 - 2 Pinças de Martel
 - 2 Agulhas de Deschamps e de Emmet
 - 7 duzias de agulhas de sutura, sortidas
 - 1 par de Afastadores Farabeuf
 - 4 Clampes rectos
 - 2 ditos curvos.
 - Uma Esfufa de Poupinel, electrica.
- E' com o maior prazer que damos esta noticia pela grande benemerencia que Sua Ex.ª acaba de fazer ao nosso Hospital, que é o mesmo que dizer em favor dos pobres que ali são operados pelos distintos médicos Srs. Drs. Gomes de Almeida, Aires Duarte e Francisco Tôrres.

